

DEVIR-CRIANÇA PARA INVENTAR OUTROS MUNDOS¹

BECOMING-CHILD TO INVENT OTHER WORLDS

Veronica de Lima Mittmann
UFRGS
Claudia Glavam Duarte
UFRGS

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de apresentar um estudo em que a composição entre artes, ciências e educação possibilitou a realização de uma pesquisa em outro tempo, a invenção do aionograma e a criação de uma outra metodologia, a contocartografia. Além disso, também percebemos que o animismo infantil, possibilitado pelo devir-criança, viabiliza uma outra relação com os não humanos e, com isso, diferentes maneiras de estar no mundo. Assim, o devir-criança nos desafia a estabelecer vínculos mais respeitosos com os não humanos e a problematizar a soberania do humano. Ademais, percebemos que o animismo infantil tem similaridade com o animismo de povos tradicionais e que até mesmo os estudos científicos mais recentes, parecem corroborar com essa maneira de perceber o mundo. Com isso, entendemos que o nosso estudo, ao propor outras maneiras de re-existir, possibilita outramundar nesse mundo.

Palavras-chave:

Devir-criança; animismo infantil; outramundar.

Abstract

The present article aimed to present a study in which the composition between arts, sciences, and education made it possible to conduct research in another time and invent the aionograma, and to create another methodology, contocartografia. In addition, we also realize that childhood animism, made possible by the becoming-child (devir-criança), enables another relationship with non-humans and, with this, different ways of being in the world. Thus, the becoming-child challenges us to establish more respectful bonds with non-humans and to question human sovereignty. Furthermore, we realize that childhood animism has similarities with the animism of traditional peoples and that even the most recent scientific studies seem to corroborate this way of perceiving the world. With this, we understand that our study, by proposing other ways of re-existing, makes it possible to otherworld (outramundar) in this world.

Keywords:

Becoming-child; childhood animism; otherworlding.

INTRODUÇÃO

Dispomos, nessas linhas, os rastros de uma experiência que se deu com a composição de artes, ciências e educação. Com isso, o objetivo dessa escrita é o de apresentar um pesquisador que, ao compor essas três áreas, possibilitou a invenção de uma outra maneira de compreender o tempo, o conhecimento e até mesmo o caminho metodológico de uma investigação.

Nesse sentido, por mais que a nossa pesquisa seja na área de ciências, entendemos que em nosso estudo, não pudemos separar ciências, arte e educação. Com isso, apresentamos nessas linhas um pesquisador que rompeu com essas fronteiras e, conseqüentemente, também se arriscou a pesquisar em outro tempo inaugurando assim, o Aionograma. Além disso, ao buscar um pesquisador que pudesse expressar sensações vividas na pesquisa, inventamos uma outra metodologia, que surge na variação da cartografia e com isso, concebemos a contocartografia.

Cabe salientar que a composição de arte, educação e ciências se deu porque buscávamos um pesquisador que viabilizasse a experiência, que em nossa concepção não seria o acontecimento em si, mas aquilo que o inesperado provoca no corpo. Ou ainda, quando o inusitado se apresenta há algo que convoca para invenções de si. Então, a experiência seria a digestão do que acontece. Experiência é o mundo que se fez carne e a carne que se fez mundo. Com isso, toda experiência convida para uma transformação, e assim, um deixar de ser quem se era, para ser um outro de si. Pois,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (Larrosa, 2002, p. 21).

Larrosa (2002) nos alerta que a experiência tem sido cada vez mais rara e para o autor, isso se daria pelo grande número de informações e pelas opiniões que devemos dar, sobretudo o que nos chega. Isto é, o autor propõe separar a informação e a opinião da experiência. Para estar informado e para opinar, é preciso consumir um grande número de notícias e isso inviabiliza o tempo necessário para a experiência. Isto é, não nos conectamos com aquilo que acontece e nem construímos memórias necessárias para a experiência. Além disso, também seria necessário o silêncio, para que o acontecimento possa reverberar em nós.

Com isso, para degustar o mundo, seria indispensável uma certa coragem, para quebrar verdades, hábitos e automatismos e assim, deixar brotar, pelas frestas de si, o inesperado. Acreditamos que é preciso que haja vazios e desertos de conhecimentos, para que outras formas de estar no mundo possam ser inventadas. Além disso, a experiência precisa de um sujeito que se expõe, ou seja, um corpo que realiza uma abertura para a vulnerabilidade e para o risco. Já que requer estar no limite para provar e digerir o instante e se deixar transformar e transbordar. A experiência seria a travessia e o sujeito seria o solo onde ocorre esse atravessamento. E com isso

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p. 24).

Para que a experiência aconteça, seria preciso uma certa abertura para o mundo e para devires outros. Nesse sentido, para

escrever a tese de doutorado *O devir-criança e a possibilidade de outramundar neste mundo* (Mittmann, 2024) nos arriscamos a devir-criança e assim, experimentar uma reinvenção de nós, enquanto também inventávamos uma escrita que foi realizada de corpo inteiro. Isto é, escrevemos com nossas dores e alegrias, com nossas angústias e paixões, com o coração acelerado e com suspiros e inspirações. Uma escrita com peles, pelos, dobras e emoções em um exercício que buscava pela “contemplação da eternidade do próprio movimento da vida” (Barbery, 2008, p. 107).

Trata-se de um modo visceral de escrever e de estar no mundo. Contaminamos as páginas com moléculas, devires e salivas. Tal experiência se deu porque conectamos o nosso corpo adulto às potências moleculares da infância e deixamos nos metamorfosear. Nesse sentido, o trabalho se moveu pelas seguintes questões: Quais outros mundos são possíveis quando imantados pelo devir-criança? Quais tipos de relações o devir-criança experimenta ao tocar o mundo povoado de humanos e de não humanos?

O devir-criança nos possibilitou encantamento com o mundo, para perceber beleza e sedução nos instantes e catar nas ruínas e misérias dos modos de vida da atualidade, matéria para a invenção de outras presenças, já que:

Eu queria ser sagas, ter perspicácia, estar sempre inspirado. O meu avô pedia que não me desiludisse. Quem desilude morre por dentro. Dizia: é urgente viver encantado. O encanto é a única cura possível para a inevitável tristeza. Havia, às vezes, um momento em que discutíamos a tristeza. Era fundamental sabermos que aconteceria e que implicaria uma força maior (Mãe, 2019, p. 12).

Quem sabe o encantamento possa colorir o mundo com outras cores. Vivemos um momento em que a experiência se dá no limite e é nesse lugar, que convoca para outras maneiras de existir, que possamos encontrar potências para a invenção de outros paladares para o mundo e outros olhares para as coisas. Um degustar

diferente. Mastiguemos com mais calma, para quebrar formas já tão estratificadas de viver. É necessário sentir os sabores e os aromas do mundo. Vivemos tempos cinzentos, mas são os dias nublados que prometem chuvas e chuvas prometem brotações e vida. Se por um lado, nos sentimos sem horizonte, talvez sejamos nós que tenhamos que criar novos amanhã. É preciso dar tinta para os nossos hábitos e para as maneiras com que temos habitado. Nosso tempo convoca para rachaduras para que possamos quebrar as rotinas e façamos do nosso corpo o local onde uma outra existência possa brotar nas fissuras, pois:

No cotidiano, portanto, há de se ver e dar às tintas a microscopia dos acontecimentos que não se cansam de fabricar um mundo e um mapa sempre abertos e inacabados, espaços os quais desfazem a arbitrariedade dos lugares e de seus pesados proprietários (Mizoguchi, 2016, p. 50).

Nesse sentido, realizamos a tese de maneira artesanal. Não queríamos uma produção em massa, pois nos interessava sentir. Fomos desaprendendo formas já dadas de estudar, para trazer vida para o nosso trabalho. Intencionávamos um estudo em que a experiência, a arte e a invenção estivessem presentes. Para isso, devimos-criança, mas também devimos-folha, devimos-nuvem e devimos-brisa: “o que ilusoriamente me sustenta se alimenta do meu inato desejo de voar” (Pinheiro, 2021, p. 21). Deixamos nossa tese ser amiga do vento, para que pudesse ser leve, sem perder a direção, nem a consistência. Uma tese que pudesse ganhar horizonte, para quem sabe, arejar a academia. Uma escrita que se dispersa no ar. Não temos controle de como o nosso estudo irá reverberar no mundo. Contudo, trazemos nesses escritos, muitas horas de estudo, de escrita e de leituras. Um labor que teve gosto pela vida, e que envolveu lapidação de letras, frases e pensamentos. Alimentamos e fomos alimentados por nossos escritos e nos transformamos pelas páginas que criamos. E já somos outras.

Cabe salientar que essa invenção se deu pela necessidade de tentar compreender o pensamento das crianças, que mais tarde percebemos se estruturar no animismo infantil.¹ Então, por meio da escrita de contos, pudemos trazer o corpo para pensar junto e assim, percebemos que o que inviabilizava a compreensão da fala das crianças era o fato de estarmos tentando entender o pensamento infantil por meio do pensamento adulto, que se estrutura na racionalidade moderna. Isto é, crianças e adultos parecem habitar mundos diversos. Os adultos, já bastante disciplinados, habitariam a racionalidade moderna, enquanto as crianças habitariam o animismo infantil. Tais perspectivas de pensamentos são bastante peculiares, ao ponto de, muitas vezes até mesmo, se contraporem.

A utilização da arte para dar contornos aos resultados da pesquisa, que se dava na área de ciências, foi possível porque realizamos a nossa tese em um outro tempo, ou seja, ao invés de trabalhar apenas no tempo Cronos, também estávamos em tempo Aion e assim, pudemos disponibilizarmo-nos de um cronograma, mas também de um aionograma, como iremos contar nas próximas linhas. Nesse sentido, tanto a invenção da contocartografia quanto a do aionograma se deram por necessidade, isto é, “um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade” (Deleuze, 1999, p. 6). Além disso, foi viável criar nessa pesquisa, porque a academia e o nosso momento atual permitem que possamos inventar instrumentos para pesquisar, o que talvez fosse inviável em outras épocas.

OS TRAÇADOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino fundamental do município de Osório, no mês de março de 2022, com vinte e três crianças com idades entre 4 e 5 anos, da pré-escola. Eram crianças que estavam ingressando na pré-escola, mas muitas delas já frequentaram a educação infantil em anos anteriores. O cenário era desafiador, pois estávamos voltando da pandemia de Coronavírus. Então, o sentimento era ao mesmo tempo de receio e de esperança.

As idas a campo se deram no turno da manhã, das 8h às 12h. Nessas quatro horas, as crianças tinham as suas atividades divididas em diferentes momentos. Isto é, às 8h, as crianças se organizavam em filas na entrada da escola e iam desse modo até a sala de aula. Então, sentavam, tiravam o material e guardavam as mochilas em um espaço reservado com ganchinhos, no fim da sala. As aulas iniciavam com as crianças contando como tinha sido o dia anterior, depois a professora contava uma história e as crianças realizavam atividades como por exemplo, pintura, desenho, entre outras. Depois, as crianças iam para o refeitório, para o recreio e, posteriormente, para a pracinha. Isto é, as atividades se repetiam, mas nenhuma aula era igual a outra.

Nossa vida moderna é tal que, encontrando-nos diante das repetições mais mecânicas, mais estereotipadas, fora de nós e em nós, não cessamos de extrair delas pequenas diferenças, variantes e modificações. Inversamente, repetições secretas, disfarçadas e ocultas, animadas pelo deslocamento perpétuo de uma diferença, restituem em nós e fora de nós repetições nuas, mecânicas e estereotipadas. No simulacro, a repetição já incide sobre repetições e a diferença já incide sobre diferenças. São repetições que se repetem e é o diferenciante que se diferencia. A tarefa da vida é fazer com que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença (Deleuze, 2018, p. 14).

Então, foi repetindo os dias de pesquisa, indo para a escola por um pouco mais do que um mês e encontrando as crianças que repetiam as rotinas escolares, que pudemos notar algumas diferenças que nos tiraram as palavras por um tempo. Isto é, percebemos que não conseguíamos compreender as crianças. Falávamos o mesmo idioma, mas diferentes perspectivas do pensamento sustentavam a nossa linguagem.

Nos dias pesquisados, a professora havia trabalhado alguns temas constantes nas diretrizes curriculares para a educação infantil, tais como: as diferentes emoções humanas; os diferentes sons: sons de animais, da chuva, do vento, do mar, das árvores; as cores; as

diferenças básicas entre animais e plantas; as diferenças básicas entre os animais (répteis, mamíferos, insetos), onde vivem e do que se alimentam, que estão em consonância com as legislações atuais:

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas (Brasil, 2018, p. 39).

Também lemos o *Documento do Referencial Curricular* do município de Osório para a Educação Infantil, organizado em eixos estruturantes, objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para as crianças pequenas. Nesse documento, percebemos haver uma concepção de infância um pouco diferente do que costuma circular socialmente, ao entender que as crianças devem ser compreendidas em suas singularidades e não em sua potência de se tornarem adultos. Como pode ser percebido no trecho abaixo:

Ao considerar os eixos estruturantes, pensa-se nas crianças com suas necessidades enquanto sujeitos que são e não que virão a ser, nas interações e brincadeira busca-se garantir os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento propostos pela Base Nacional Comum Curricular: brincar, conviver, expressar, conhecer-se, explorar e participar, articulados com os cinco campos de experiência: O eu, o outro e o nós (EO), Traços, sons, cores e forma (TS), Corpo, gestos e movimento (CG), Escuta, fala, pensamento e imaginação (EF) e Espaços, tempos, quantidades e transformações (ET) (Osório, 2019, p. 13).

Com isso, percebemos que a prática docente obedecia às diferentes legislações para a educação infantil. No entanto, por mais que houvesse o exercício de normatizar e disciplinar as crianças, também havia uma resistência

por parte delas. Isto é, era ensinado para as crianças as concepções sobre as ciências e as percepções hegemônicas do que se entende como capacidades de que seriam dotados humanos e não humanos. Contudo, as crianças mantinham falas que percebemos depois, estarem estruturadas no animismo infantil.

O ANIMISMO INFANTIL

Conforme mencionado anteriormente, nossa pesquisa se moveu pelas seguintes questões: Quais outros mundos são possíveis quando imantados pelo devir-criança? Quais tipos de relações o devir-criança experimenta ao tocar o mundo povoado de humanos e de não humanos? E com isso, percebemos que as relações que as crianças experimentam com os não humanos, se diferem do pensamento moderno e nesse sentido, a investigação deu visibilidade ao animismo infantil, que seria possibilitado pelo devir-criança. Com isso, ocorria uma descontinuidade da racionalidade moderna, estabelecida pelo pensamento infantil e, por mais que houvesse uma tentativa de territorializar o pensamento infantil com o que se compreende hoje como científico, havia uma resistência por parte das crianças, viabilizada pelo devir-criança.

Entendemos devir como potências do pensamento que possibilitam composições. Então, no devir-criança haveria outros devires como o devir-animal, o devir-pássaro, o devir-cachorro, já que “o devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança. Se a evolução comporta verdadeiros devires, é no vasto domínio das simbioses que coloca em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes, sem qualquer filiação possível” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 19). Com isso, o devir não seria uma metáfora, mas transformações que se dariam pela composição de diferentes multiplicidades. Nesse sentido, o devir não seria uma evolução, nem teria uma hierarquia, mas seria rizomático. Devir é contágio e involução. É regressar ao estado semente para ser diferente do que se vinha sendo.

Ademais, no devir não haveria a metamorfose em uma criança específica, já que o devir é multidão. Para devir seria preciso compreendermo-nos como multiplicidades que estabelecem trocas entre si. Para devir-criança houve a necessidade de conexão com a potência da criança, não só a que fomos, mas as muitas crianças que ainda existem em nós, e então, permitimos que o nosso corpo adulto fosse habitado pelas potências da infância e assim, pudemos transformar nossos afectos e perceptos,² e assim inventar um outro modo de fazer pesquisa.

Com isso, percebemos que o devir-criança possibilita outras maneiras de estar no mundo, como pode ser percebido na transcrição abaixo:

Pesquisadora: O que é?

Criança: É uma ponte, aqui ela levanta e baixa. Agora ela tá baixa

Pesquisadora: E quando ela levanta?

Criança: Nunca porque é uma ponte sonolenta. Essas flores são do mal e essas são do bem.

Pesquisadora: O que é ser do mal e do bem? Como eu sei se é do mal ou do bem?

Criança: Se é do bem cuida da gente e se é do mal machuca a gente. Olha a formiguinha. Ela fez uma casinha embaixo. O Real é o doninho das formigas, das mães.

Pesquisadora: O Real é o rei das formigas?

Criança: É.

Pesquisadora: Eu não sabia que as formigas tinham rei.

Criança: Tu não olhou na tua casa?

Pesquisadora: Como você sabe que é o rei das formigas?

Criança: O das mães, eles nascem da barriga das mães. Ele bota os ovos e ele nasce. Aqui é a casinha dele. O Real subiu na minha perna. Eu vou dar um chazinho pra ele.

Pesquisadora: Por quê? Ele está doente?

Criança: Não, ele quer frutinha. O escorpião come carne. Aqui é a casa da aranha, ela é bem feiosa.

Criança: Eu vou ser uma formiguinha.

Pesquisadora: Daí você vai me morder?

Criança: Não, tá doida. Você é do bem ou do mal? Do bem. Olha ali a formiguinha ali. Ela dorme ali. Eu fiz uma escadinha pra ela. Vamos ver um outro bicho de estimação.

(Mittmann, 2024, p. 96).

Nesse sentido, conforme pode ser percebido acima, para as crianças, uma ponte poderia ser sonolenta, flores podem ser do bem ou do mal e as formigas teriam um rei. Então, as crianças atribuem sentimentos e habilidades humanas aos não humanos, o que caracterizaria o animismo infantil, ou seja, “Se não há limite, a animação é generalizada e universal, e a agência está distribuída por toda a parte. Uma alternativa assim convida a uma bolha de tamanho cósmico, a um nós que abrange tudo o que há” (Bensusan, 2017, p. 18). Nesse sentido, percebemos que o animismo infantil compartilha algumas similaridades com o animismo de povos tradicionais, ao questionar o humano como uma espécie superior e a única dotada de intencionalidade.

Para os animistas, a possibilidade de sentir e de pensar o mundo não seria uma atribuição apenas dos humanos, mas compartilhada com tudo o que existe. Ademais, para os indígenas, “as espécies animais e outras são concebidas como outros tantos tipos de “gentes” ou “povos”: isto e, como entidades políticas” (Danowski; Castro, 2014, p. 93). Com isso, os humanos não seriam superiores aos não humanos, mas seriam seres apenas pertencentes a espécies diferentes. Assim, os não humanos seriam sujeitos e não coisas e até mesmo, para caçar um animal, seria necessário fazer um acordo anteriormente, que se daria entre o xamã humano com o xamã do animal que será caçado. Isso se daria porque não há uma diferença tão nítida entre humanos e não humanos e entende-se, até mesmo, que os não humanos e os humanos teriam ancestrais em comum, que eram os humanos do primeiro tempo. Ou seja, os animais seriam os humanos que se metamorfosearam em diferentes espécies. Já que,

Há muito e muito tempo, quando a floresta ainda era jovem, nossos antepassados, que eram humanos com nomes animais, se metamorfosearam em caça. Humanos-queixada viraram queixadas; humanos-veado viraram veados; humanos-cutia viraram cutias. Foram suas peles que se tornaram as dos queixadas, veados e cutias que moram na floresta. De modo que são esses ancestrais tornados outros que caçamos e comemos hoje em dia. As imagens que fazemos

descer e dançar como xapiri, por outro lado, são suas formas de fantasma. São seu verdadeiro coração, seu verdadeiro interior. Os ancestrais animais do primeiro tempo não desapareceram, portanto. Tornaram-se os animais de caça que moram na floresta hoje (Kopenawa; Albert, 2015, p. 117).

Entendemos que o devir-criança seria potente para inventar outras maneiras de conviver com os não humanos, ou seja, maneiras mais respeitadas de estar no mundo. No momento atual, nos parece urgente viver de outros modos, como condição para a nossa sobrevivência enquanto espécie. Isto é, quem sabe possamos devir-criança, para inventar e construir novas relações com os não humanos e com os humanos. Maneiras menos predatórias e mais cuidadosas de conviver. Talvez nosso momento seja potente, para a invenção de outros mundos ou de outramundar nesse mundo, já que “Falar no fim do mundo é falar na necessidade de imaginar, antes que um novo mundo em lugar deste nosso mundo presente, um novo povo; o povo que falta: um povo que creia no mundo que ele deverá criar com que de mundo nós deixamos a ele” (Danowski; Castro, 2014, p. 159). Quais outros mundos seremos capazes de inventar nesse mundo?

UMA PESQUISA EM OUTRO TEMPO E A INVENÇÃO DO AIONGRAMA

Realizamos um pesquisar em outro tempo. Isto é, nossos estudos se deram nos tempos Cronos e Aion. Cabe salientar que Cronos é o tempo que pode ser medido em dia, mês e ano, que podem ser subdivididos em segundos, minutos e horas. Cronos é o tempo circular que se divide em passado, presente e futuro. Na atualidade, temos privilegiado o tempo Cronos e somos guiados por esse tempo já estipulado, ou seja, devemos começar a trabalhar com uma determinada idade e nos aposentar ao cumprir um tempo de trabalho previamente estipulado e com uma idade específica. Isto é, Cronos emerge com a tarefa de medir o acontecimento, que é Aion, mas acaba se emancipando e fomos, nos tempos atuais, encaixando o acontecimento no tempo Cronos. Isto é, na

atualidade, o acontecimento dos humanos e dos não humanos precisa cumprir alguns requisitos, estipulados anteriormente, para estar dentro dos parâmetros de normalidade e assim, o tempo se emancipa do acontecimento. O tempo dos humanos e dos não humanos deixa de ser algo a ser observado, sentido e percebido e torna-se normatizado por Cronos.

Com isso, as crianças precisam falar e andar com uma determinada idade para serem consideradas normais, há uma idade considerada apropriada para casar e um momento adequado para ter filhos, estudar e trabalhar. Além disso, há um tempo conveniente para as atividades laborais, para fazer exercícios, para as refeições, para o descanso e para as atividades recreativas. Até mesmo os não humanos precisam se submeter a Cronos e há uma determinada época para que as plantas darem frutos, para as chuvas ocorrerem, para as secas, para fazer calor e frio. Isto é, há muitas normas a seguir e um tempo certo para tudo. Dessa maneira,

Cronos é o tempo da medida ou da profundidade desmedida, ao passo que Aion é o da superfície. Cronos exprime a ação dos corpos, das qualidades corporais, das causas. Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais, dos atributos, dos efeitos. Cronos é o domínio do limitado e infinito. Aion do finito e ilimitado. Cronos tem a forma circular. Aion é linha reta. Sensato ou tresloucado, Cronos é sempre da profundidade, localizado e localizável, assinalado e assinalável. Aion é radicalmente atópico, ou transtópico, mas também num certo sentido, condição de qualquer assinalamento temporal (Pelbert, 2015, p. 72).

Aion é o tempo da experiência ou o tempo dos acontecimentos. No tempo Aion, passado, futuro e presente se conectam, como em um rizoma, ou seja, o instante é constantemente modificado pelo passado e pelo futuro, que existem no presente como virtualidade. Por isso, Aion é o tempo que não pode ser medido, pois a depender dos encontros, uma hora pode ser muito ou pouco tempo. Para os apaixonados, uma hora pode ser percebida como um tempo que passa muito rápido; já para alguém que aguarda em uma fila, pode

ser um tempo que passa devagar.

Ademais, por mais que haja prazos entendidos e estipulados como normais para quase tudo, não se pode precisar com certeza, quanto tempo pode levar o impacto de diferentes experiências, como a vivência de um luto ou a alegria de um momento festivo, que podem reverberar por anos. Não se sabe de antemão, quando iremos conseguir aprender algo novo ou como um fato vai repercutir no nosso corpo. Nem quanto tempo levaremos para nos recuperar de uma doença ou até quando teremos saúde. Nem tudo pode ser previsto. Além disso, diferentes tempos atravessam o presente, como por exemplo, quando somos assaltados por uma lembrança boa, ou seja, o passado se manifesta no presente, provocando diferentes afectos.

No momento atual, há uma percepção de sobrecarga e muitos relatos de estudantes dizem estar envolvidos em um grande número de atividades e por isso, muitas vezes, acabam negligenciando Aion de suas pesquisas, isto é, são muitas atividades e tarefas a serem cumpridas e não temos conseguido dar atenção para os acontecimentos pequenos que nos interpelam no dia a dia e na pesquisa. Ao inviabilizar a percepção dos movimentos da vida em prol das diferentes demandas acadêmicas, acabamos não vendo graça nos instantes, ou seja, abrimos mão da imanência em prol de um conjunto de regras e parâmetros que devemos cumprir e com isso, temos deixado de acreditar no mundo. Não observamos o mundo nem observamos a nós mesmos e ficamos tentando encaixar os nossos momentos de pesquisar no tempo Cronos. O pesquisar se torna monótono, pois tudo já está previsto de antemão. Há uma demanda por produção e a invenção envolve um tempo que muitas vezes não temos. E quando algo escapa ao roteiro da pesquisa, ficamos apavorados, já que parece que estamos sofrendo da necessidade de permanência e perdemos a conexão com a existência, que é movimento e imprevisibilidade. No entanto, os dias nos convocam para um outro olhar para o tempo, para o pesquisar e para a vida. Isto é,

Trata-se de suscitar acontecimentos. "Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele" [...]. Acreditar no mundo é criar o mundo, os mundos. "Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempo, mesmo de superfície ou volume reduzidos" (Deleuze, 1992, p. 218).

Com esse propósito, intencionávamos inventar uma tese em que pudéssemos viabilizar outras experiências e que essas se dessem também em tempo Aion e para isso, tivemos que suspender o automatismo, para aprender a observar, a olhar mais devagar e com mais delicadeza. Além de nos sensibilizar para perceber o ambiente também com o corpo. Prestar atenção àquilo que acontece no corpo. Um exercício bastante desafiador para os tempos atuais que convocam para a aceleração. Ademais, nos abrir para o inesperado e ter coragem para existir em uma vida que convoca para o movimento e para as transformações.

Cabe salientar que, em nossa pesquisa, tivemos um cronograma com diferentes prazos acordados com o programa de pós-graduação, com a escola pesquisada e com a professora orientadora do doutorado, mas tivemos também um aionograma. A composição do cronograma pode ser entendida como: Normas/regras + cérebro + tempo medido (segundos, minutos, horas, dias, meses e anos) + prazos + organização + previsão + rigidez + continuidades + divisão sucessiva entre passado, presente e futuro = execução e tarefa feita. A composição do aionograma incorpora: corpo E afectos E perceptos E vida E sentidos E acasos E ética E descontinuidades E imanência E intempestivo E presente composto de passado e de futuro ilimitado \cong criação de uma tese.

No caso específico desta pesquisa, tivemos o seguinte aionograma:

| Dia | Atividade |
|---|--|
| Para dias de curiosidade, de vontade de sair para a rua. Geralmente, dias ensolarados em que haja a necessidade de rasgar a pele para sentir a vida e sentir diferente. | Produzir sementes, afectar-se e perceptar-se, para que se produzam descontinuidades no pensamento. Continuar a ir a campo para ouvir e observar as crianças |
| Para dias de introspecção e de silêncio. Dias calmos, chuvosos ou para as sombras dos dias quentes. | Germinar e nutrir rizomas já fabulados - cicatrizar e inventar tecidos e peles. Agenciar com computador e livros. Para leituras e escritas que possam compor e nutrir os conceitos que já germinaram na escrita da tese, especialmente, o conceito de animismo. |

Tabela 1 - Aionograma da pesquisa
Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

A INVENÇÃO DA CONTOCARTOGRAFIA

Nossa tese se utilizou de contos para dar materialidade para os afectos e os perceptos vividos na pesquisa e assim, inventamos uma outra metodologia, a contocartografia. Cabe salientar que a contocartografia é uma variação da cartografia e por isso, segue algumas pistas, como tentar identificar as linhas moleculares, molares e de fuga que constituem aquilo que estamos pesquisando. Então, quando fomos pesquisar com as crianças, percebemos que eram constituídas por linhas molares, moleculares e de fuga.

As linhas molares seriam as linhas mais duras, que se constituem como hábito ou regras, ou seja, saber que é preciso entrar na fila, ficar em silêncio enquanto a professora e os colegas falam, fazer o dever que a professora passou, tomar banho, escovar os dentes, comer com talheres. Já as linhas moleculares são linhas finas e pouco visíveis, mas que em algum momento, podem ir se sedimentando e se tornar um hábito ou uma linha molar e as linhas de fuga são aquelas que rompem com as regras e que no caso de nossa tese, entendemos que seria o animismo infantil. Com isso,

Às vezes pode-se dizer que as linhas são apenas duas ou, mais precisamente, que temos de um lado o fluxo, só apreensível pelo corpo vibrátil e, do outro, a linha,

só apreensível pelo olho-retina, e isso de duas maneiras. Numa primeira, se considera, de um lado (o do fluxo), uma linha molecular, inconsciente, invisível, ilimitada, desestabilizadora, nômade, traçada pelas partículas soltas de afeto e, de outro lado (o da linha propriamente dita), uma linha molar, consciente, visível, limitada, feita da estabilidade relativa da segmentação flexível que a simulação vai riscando em sua migração e da segmentação dura dos territórios em seu sedentarismo (Rolnik, 2014, p. 53).

Sublinhamos que a contocartografia emerge como uma variação da cartografia, que entende que ao planejar uma pesquisa, temos algumas ideias do que pode ser encontrado, mas não há hipóteses a serem confirmadas, isto é, o pesquisador procura por descontinuidades, por aquilo que pode interromper maneiras como vínhamos pensando ou ainda, por aquilo que pode nos surpreender. Com isso, “o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa. Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 10).

Ademais, entendemos que, enquanto pesquisadores, intervimos na dinâmica que existia na sala de aula, isto é, afetamos e fomos afetadas pela pesquisa, pelas crianças e pelo ambiente, que acabou transformando a pesquisadora em uma contocartógrafa.

No início da pesquisa, não imaginávamos transformar a fala das crianças e as sensações vivenciadas na escola em contos. Nem mesmo as interrogações que nortearam a pesquisa, estavam dadas de antemão. Elas foram se delineando no caminhar da pesquisa.

Com isso, entendemos que “a cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (Passos; Barros, 2009, p. 18). Entender que a pesquisadora estava imbricada na pesquisa exigiu tentar perceber quais verdades a respeito de educação, de ciências e de infância atravessavam a pesquisadora, e assim, realizar o exercício de tentar descosturar maneiras de pensar e assim, estar mais disponível ao encontro.

Também foi preciso tornar o corpo mais suscetível ao que acontece, por meio de um sensibilizar, que envolve também a atenção da contocartógrafa e nesse sentido, seguimos as orientações de Kastrup (2009) que propõe que a atenção do cartógrafo se daria por voos e pousos. Assim, ao ingressar na pesquisa, havia uma atenção flutuante, ou seja, uma abertura aos encontros. Com isso, a atenção da contocartógrafa se dava de quatro maneiras: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O rastreio se refere a uma varredura no ambiente, abertura à exploração, busca por pistas e tentativa de perceber o ambiente. No toque, algo chama a atenção e com isso, é preciso realizar um pouso, isto é, parar o movimento. No pouso, a atenção se amplia para aquele ponto, e por fim, torna-se necessário fazer um reconhecimento atento, ou seja, não buscar pelo modelo daquilo que já se conhece, mas tentar compreender como aquela realidade está se constituindo, utilizando para isso, aquilo que já se conhece, mas também, uma abertura para outros pensamentos e sensações que surgirem.

Na pesquisa realizada com as crianças, não buscávamos descobrir algo, mas acompanhar os processos de constituição daquela realidade que pesquisávamos e as dinâmicas do ambiente no qual estava inserida, já que “numa

cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo” (Kastrup; Barros, 2009, p. 90-91). E nesse sentido, foi preciso fazer a dissolução do ponto de vista do observador por não conceber a separação entre sujeito e objeto, ou a neutralidade do observador, pois “não podemos separar a estrutura cognitiva que se conhece da experiência concreta do conhecer” (Passos; Eirado, 2009, p. 123).

Com isso, não havia um sujeito pesquisadora, investigando sobre o objeto crianças, mas uma pesquisadora que estava pesquisando com as crianças e que por vezes, também era objeto de pesquisa. Isto é, a cartografia que inspirou a contocartografia entende que o pesquisador necessita se colocar na transversal entre sujeito e objeto. Cabe perceber que tanto a contocartografia quanto a cartografia intencionam acompanhar o processo de constituição de uma realidade, além de perceber as forças e as linhas que constituem tanto o pesquisador, que se vê imbricado na pesquisa, quanto os sujeitos pesquisados.

Entendemos que todo corpo é multiplicidade: social, biológico, químico, físico. Isto é, um corpo tem uma história em que atuam os diferentes aspectos citados anteriormente. Ademais, um corpo também é um território por onde atuam diferentes linhas: tem características mais sedimentadas, mas também, está sujeito ao imprevisível e a transformações e por isso, ao invés de experimentos ou experimentações, que, “enquanto prática singular, não pressupõe, mas cria a diferença entre sujeito e objeto” (Barros; Kastrup, 2009, p. 54), optamos por experiências, por entender a inseparabilidade entre conhecer, cuidar, pesquisar e fazer, que “são a performatividade da experiência e a inseparabilidade entre ser (existir, viver), conhecer e fazer (intervenção)” (Passos; Eirado, 2009, p. 124).

Ademais, nos arriscamos a um pensamento sem imagem, isto é, o exercício de tentar escapar às representações do que seria uma criança, um menino, uma menina, uma escola, uma professora e para isso, tivemos

que envolver a um estado semente ou ainda, aplainar verdades e certezas e ir tateando maneiras de perceber. Com isso, iniciamos a pesquisa com alguns pressupostos teóricos e com um roteiro, que foi sendo modificado algumas vezes, a depender dos movimentos da pesquisa. Em nosso estudo, a intenção era a de perceber e contocartografar os afectos e os perceptos que aconteciam no nosso corpo. Para isso, precisamos estar atentas para perceber discontinuidades e para sentir de corpo inteiro. Isto é,

Examinemos agora a via de apreensão de um mundo que nos permite captar os sinais das forças que agitam seu corpo e provocam efeitos em nosso próprio corpo - aqui ambos em condição de vivente. Tais efeitos ocorrem dos encontros que fazemos - com gente, coisas, paisagens, ideais, obras de arte, situações políticas e outras (Rolnik, 2019, p. 53).

Então, levantamos nossas pestanas e estiramos nossas peles, para perceber o que não estava tão dado, mas que emergia como gérmens de mundo.³ Com isso, a contocartografia fez perceber que em nosso trabalho investigativo, a pesquisadora precisava estar implicada na pesquisa e por isso, para que o nosso trabalho fosse ético, necessitamos compreender como estávamos afetando e sendo afetados por aquilo que produzíamos. Isto é, nos reinventávamos ao mesmo tempo em que produzíamos a pesquisa e tentávamos perceber como éramos afectadas por aquilo que emergia dos encontros com as leituras, com as crianças e com a vida.

Para a construção da contocartografia, foi preciso perceber as forças que atuavam no ambiente, mas também no corpo da pesquisadora e no corpo das crianças. Foi preciso traçar com os contos, as intensidades, as velocidades e as lentidões. Ademais, perceber também que diferentes corpos-pesquisadoras podem ser diferentes. Cada corpo materializa as potências da vida de maneira singular, e por isso, era preciso identificar o que o nosso corpo podia. De quais dores e alegrias era capaz? O que lhe era suportável e o que lhe era intolerável?

Assim, em nossa pesquisa, inicialmente, tentávamos fazer uma cartografia e para isso, seguimos orientações e pistas desse caminho metodológico. No entanto, ao longo da investigação, a cartografia foi se transformando em contocartografia, pela necessidade de uma outra maneira de escrever e de compreender o pensamento infantil. Isto é, o encontro da pesquisadora com o devir-criança e a necessidade de compreender essa outra maneira de pensar, viabilizaram a invenção da contocartografia.

Como pistas dos acontecimentos e movimentos suscitados pela tese, apresentamos abaixo, um dos contos que deu materialidade para os afectos e os perceptos vivenciados na pesquisa.

MÃE DOS ANIMAIS

Era uma tarde gelada e eu tentava me aquecer, sentada no sol, com uma xícara de chá.

Cutucou meu braço e falou baixinho:

- Meu cachorro é feliz porque eu dou comida pra ele todo dia. Todo dia eu brinco com ele e dou a bolinha para ele brincar. Às vezes ele fica comendo ração e eu fico comendo Miojo com ele. A gente faz tudo junto. A Dália tem um coelho. Daí o coelhinho fica comendo Miojo com ela. Eles ficam juntos pra sempre. Ela não larga esse coelho nunca. Se ela largar, o coelho fica chorando. Todo dia que ela vai para a escola, ele acorda chorando e fica chorando até ela chegar. Daí ele para de chorar. Porque ele acha que ela é a mãe dele.

Os cabelos arrepiados e os braços fininhos. Parecia frágil, mas fui eu que quebrei. Eu rachei por toda parte, enquanto vibrava naquela entonação.

- Ela come com ele junto, ela brinca, ela vai tomar banho com ele junto. Antes ele era de uma princesa que deu para a Dália. Daí Begônia tinha um gato. Ela dormia com ele, comia com ele, engatinhava com ele e miava com ele. Ele fazia tudo com ela, ele amava a Begônia, ela era a mãe dele. A Begônia é a mãe do gato, o Narciso do cachorro, a Dália é mãe do

coelho. Sabe qual é o nome do coelho mesmo? Cenourinha. Daí, o gato dela se chama Lia.

O toque suave daquelas mãos e mais do que as pALaVraS, o que elas diziam, emperraram o meu pen*sa*men*to. Fiquei por um momento, sem paLavras, tamanho estranhamento.

- Quando eles estão felizes, eles vêm no colo das pessoas, quando eles estão tristes, eles ficam no chão lá na sala. Às vezes, eles choram. Mas quando eles choram, a gente cuida deles. Ele vem no meu colo quando eu tô doente. Ele sabe de tudo, ele me cuida. O meu gato é que faz isso. Ele pensa que vai me cuidar.

Então, olhei-o novamente, perdida no fundo daqueles olhos-alma e ele voltou a falar:

- Se não der comida pra ele, ele fica triste. Ele fica triste porque eu não dei nenhum cobertorzinho pra cobrir ele, daí ele fica com frio. Até uma casa e um cobertor. Daí o papai comprou um cobertorzinho de cachorro e deu pra ele. Quando ele tá triste, ele chora e quer colinho. Quando ele tá feliz, ele fica animado e dá uma bandinha de casa e ele tá feliz porque ele gostou do cobertorzinho. Eu deito com ele.

Enquanto ele falava, minha memória era habitada por animais imaginados. Seres de um outro eu, de uma época em que eu não era adulta. Animais que tinham nomes e vontades. Eu conversava com gatos e caracóis. Um universo que tinha cores tão diversas que nem eram desse mundo, pelo menos, não desse mundo que habito hoje.

Não era um absurdo o que ele dizia. Eu podia reconhecer esse mundo, mais do que isso, eu podia senti-lo. Mas eram recordações difusas, que se insinuavam na minha mente e escapuliam. Memórias impossíveis de agarrar. Meus sentidos aguçavam-se no desejo de rascunhar imagens que escapavam. Não existia vocabulário para aquela sensação. Eram de um tempo em que as palavras não me pertenciam. Eram de um tempo em que eu era toda experiências.

De repente, tenho de novo seis anos e estou olhando as flores no jardim. Passo minha mão por suas pétalas aveludadas, mastigo um pedacinho pra sentir o gosto amargo. Converso

com as flores. E encontro uma joaninha que passeia apressada pelas folhas. Estendo os meus dedos para me tornar caminho e deixo que atravesse mãos e braços. Eu sinto o movimento das patinhas que andam na minha pele-chão e o ar fresco que toma as suas asas na nossa despedida.

E me pergunto. Quando foi que me perdi desse mundo? Talvez eu tenha esquecido de deixar as pedrinhas que marcavam o caminho de volta.

ÚLTIMAS PINCELADAS...

Entendemos que inventamos um pesquisar que ao compor arte, ciências e educação, possibilitou a invenção de uma outra maneira de compreender o tempo, o conhecimento e até mesmo, o caminho metodológico de uma investigação e com isso, pudesse estabelecer algumas descontinuidades na compreensão que se tem do que seria uma pesquisa científica. Isto é, mesmo que tenhamos mantido rigor ao pesquisar e consultado autores legitimados no campo científico, também trouxemos escritores de literatura para pensar o que emerge no pesquisar. Isto é, entendemos que a ciência e a arte podem compor ao juntar olhares para perceber o mundo. Isto é, ciência e arte possibilitam diferentes perspectivas de compreensão daquilo que acontece. Com isso, a literatura torna o corpo mais sensível aos diferentes afectos e perceptos que emergem em um pesquisar e tivemos que fazer esse trabalho de sensibilização do corpo, por compreendermos que não era possível fazer uma investigação na qual o mesmo não estivesse presente.

Um corpo que sente, que olha, que fala, que ouve e que se emociona. E para que esse corpo, que é em si mesmo uma multiplicidade, pudesse existir na pesquisa, tivemos que inventar o aionograma, que é o tempo da experiência. Não é o tempo que a sociedade e a academia estabelecem, mas é o tempo necessário para a digestão do mundo. Tempo sempre singular, já que cada estômago, cada célula e cada membrana sintetiza os afectos de maneira diversa. Ademais, para dar corpo

para os perceptos e afectos vivenciados na pesquisa, também tivemos que inventar a contocartografia, que são contos criados a partir do devir-criança experimentado pelo corpo adulto das pesquisadoras.

Entendemos que fazer ciência envolve jeitos de estar no mundo e a arte pode expandir as maneiras de sentir e de perceber esse mundo. Ainda mais quando é urgente inventar novos modos para nos relacionarmos com os não humanos. Nosso momento atual pede por invenção e para criar com o que existe, é preciso perceber outras maneiras de sonhar e de desejar.

É no corpo que habitam esses novos jeitos de desejar que precisamos de outros apetites para as nossas fomes. Precisamos de sutilezas para novas atenções. Almejamos ousadia para resistir e reexistir enquanto gente. Um ser pessoa que talvez envolva entender e respeitar os não humanos. Ansiamos por mãos pequenas e pés ágeis, para que o mundo tenha novamente encanto. Precisamos de um sol dentro do peito, para que possamos amanhecer todos os dias um pouco mais criança.

REFERÊNCIAS

BARBERY, Muriel. **A elegância do ouriço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Líliliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BENSUSAN, Hilan. **Linhas de animismo futuro**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf> Acesso em:13 fev. 2026.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Caderno Mais! **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 27 jun. 1999.

DELEUZE, Gilles. **Conversações** - 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2012.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Líliliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KASTRUP, Virginia; Barros, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Líliliana da.

Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract>. Acesso em: 10 fev. 2026.

MÃE, Valter Hugo. **As mais belas coisas do mundo.** Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

MITTMANN, Veronica de Lima. **O devir-criança e a possibilidade de OutraMundar (neste mundo).** Tese (Doutorado em Educação em Ciências), Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/276790>>. Acesso em: 7 nov. 2025.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. **Amizades contemporâneas:** inconclusas modulações de nós. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2016.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; Barros, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In:

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

PINHEIRO, Patricia. **Quadripartida.** São Paulo: Laranja Original, 2021.

OSÓRIO. Secretaria Municipal de Educação. Departamento Pedagógico. **Documento Curricular do Município de Osório:** Educação Infantil/Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico. Osório: Secretaria Municipal de Educação, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Notas

¹ O conceito de animismo infantil será discutido ao longo deste artigo.

² Cabe salientar que diferenciamos afectos de afetos e perceptos de percepções. Afectos emergem dos encontros do corpo com o mundo. Nesse sentido, existiriam os encontros alegres e os encontros tristes. Já afeto é quando já temos uma representação para aquilo que nos acontece, isto é, afeto é o encaixe dos afectos nas definições de cada um dos sentimentos que temos. Nesse sentido, afeto seria uma emoção. Já afecto se refere a todas as sensações experimentadas pelo corpo e que inclui os afetos. Seriam afectos as sensações de frio, calor, agitação, tristeza, alegria, entre outras. A percepção seria a preparação para uma ação e torna-se afecção, quando a sua intensidade aumenta e a afecção possibilita a construção de imagens lembranças que serão utilizadas em novos encontros. No caso do percepto, não haveria uma imagem anterior, mas imagens que ainda estão se constituindo. Imagens borradas, que ainda não podem ser reconhecidas pela percepção. O percepto seria o indefinido, que borra a percepção. É o que escapa à definição e embaralha afectos.

³ Trecho de uma fala de Suely Rolnik na palestra intitulada *As aranhas, os guaranis e alguns europeus: outras notas para descolonizar o inconsciente*, realizada em 8 de março de 2022, e disponível no canal do Youtube da Eco-Pós UFRJ em: <<https://youtu.be/DfhBmflAdhM>>. Acesso em: 10 fev. 2026.

SOBRE AS AUTORAS

Veronica de Lima Mittmann é licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC), mestra e doutora em Educação em Ciências Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGECi) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente trabalha como pedagoga/área na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-2751-4234>>. E-mail: veronicalimam@hotmail.com

Claudia Glavam Duarte é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no curso de Licenciatura em Educação do Campo, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGECi) e ainda no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Matemática. Licenciada em Ciências e Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, é mestra e doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Coordena o *GEEMCo - Grupo de Estudos em Educação Matemática, Ciências e Contemporaneidade* (CNPq/UFRGS). ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-8608-5855>>. E-mail: claudiaglavam@gmail.com

Recebido em: 13/2/2025

Aprovado em: 30/12/2025